

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UM CONFLITO NO TOURAL HÁ 88 ANOS. EPISÓDIO DA MOCIDADE DE MARTINS SARMENTO.

CARDOSO, Mário

Ano: 1943 | Número: 53

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Um Conflito no Toural há 88 anos. Episódio da mocidade de Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 53 (3-4) Jul.-Dez. 1943, p. 175-203.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Um conflito no Toural há 88 anos

(Episódio da mocidade de Martins Sarmento)

Por vezes se tem afirmado, erradamente, que Martins Sarmento foi um polígrafo, e que a sua robusta mentalidade, abrangendo as múltiplas facetas de um enciclopedismo dispersivo, havia dado origem ao literato, ao historiador, ao crítico, ao etnógrafo, ao arqueólogo, ao filósofo e... não sabemos a que mais!

Quem tal defende desconhece a sua Obra, e particularmente a sua formação e evolução mental. Martins Sarmento foi na essência um Etnólogo, como o confirmam os trabalhos fundamentais que nos deixou e a índole dos seus escritos, daqueles pelo menos que marcaram o rumo definitivo do seu pensamento de estudioso.

Escreveu, é certo, sobre variados assuntos, muitos dos quais, como a Arqueologia, intrinsecamente ligados e directamente subsidiários da Etnologia, que era o fulcro de toda a sua curiosidade de investigador. Mas, nem por isso podemos dizer que Sarmento tivesse sido um arqueólogo, na acepção íntegra da palavra, porque esta ciência objectiva não o deteve senão para poder documentar, e contraprovar com ela, as suas conclusões sobre as nossas origens étnicas. A Etnografia, o Folclore, o estudo das tradições populares eram tão somente, para êle, simples fragmentos de uma cadeia desfeita pelos séculos, que pacientemente tentava recompor para ligar o presente ao passado, ou melhor, para desvendar no presente os vestígios diluídos de um remoto passado, que, no seu dizer, está sempre mais perto de nós do que geralmente se ima-

gina (1)! Porém, Sarmiento não cultivou a Etnografia pela Etnografia, tal como a finalidade das suas escavações arqueológicas na *Citânia*, que tanto o celebrizaram, nunca foi o simples quão fútil prazer de coleccionar inútilmente, dentro de um mostruário, dezenas de fragmentos cerâmicos e outras antigualhas, na aparência frívolas e inúteis.

Tampouco foi historiador ou filósofo. Os estudos históricos pode dizer-se que lhe serviram de base ou ponto de partida retrospectivo para as suas lucubrações de ordem etnológica, mas os temas históricos nunca detiveram a sua atenção exclusiva. A filosofia e a história das religiões contribuíram igualmente para a sólida formação do seu espírito, mas Sarmiento jámais foi um filósofo ou um mitólogo.

Igualmente o não podemos considerar literato ou poeta, só porque, nos seus tempos de rapaz, escreveu na imprensa provinciana uns folhetins banais, e burlou meia dúzia de versos imprégnados daquele fatalismo sentimental e ingénua a que obedeciam os moldes românticos da época.

Até bibliófilo já lhe ouvimos chamar, porque na sua biblioteca, legada à Sociedade Martins Sarmiento, se encontraram muitas espécies valiosas. Sarmiento, porém, usava êsses livros como simples instrumentos de trabalho e de consulta, sem quaisquer preocupações nem subtilezas de coleccionador de edições raras.

Finalmente, o seu espírito, aliás delicado e sensível em extremo, não se entregava aos *raffinements* que distinguem os artistas e os estetas. Basta apontar o seguinte facto para revelar o seu quási total desinteresse dos assuntos de pura Arte: ter comprado contrariadíssimo, e só para anuir aos insistentes pedidos do vendedor, seu amigo, uma das mais belas e preciosas colecções de gravuras existentes no nosso País (2), que imediatamente ofereceu, sem o mínimo

(1) Vide *Portugália*, Pôrto, 1899-90, Vol. I, p. 2, nota 4.

(2) A Colecção de estampas, hoje pertencente à Sociedade Martins Sarmiento, foi comprada pelo estudioso Vimaranesense ao insigne crítico de Arte Joaquim de Vasconcelos, em 1898. Existe dessa esplêndida colecção um Catálogo, da autoria do falecido Coronel Tibúrcio de Vasconcelos, intitulado *Colecção de Estampas e Índice de Gravuras*, Guimarães, 1931.

interêsse próprio, à Sociedade M. S., só porque se tratava de um assunto fora do âmbito dos seus estudos predilectos. Outro facto edificante, a êste respeito: a sua casa, magnífico prédio inteiramente confortável, não primava todavia pelo bom-gôsto do arranjo artístico interior, podendo aliás recheá-la, se quisesse, de objectos preciosos sob êsse ponto de vista, como lho consentia a sua abastada fortuna e o seu feitio nada escravizado ao dinheiro. Alberto Sampaio, no breve mas flagrante perfil que traçou de Martins Sarmiento, diz, a propósito do limitado interêsse do Sábio pelas manifestações da Arte, que o seu espírito carecia de "predisposição artística" (1).

¿ Para que pretender, pois, atribuir à mentalidade do erudito vimaranense modalidades de pensamento e de acção intelectual que êle nunca cultivou, ou, quando muito, aflorou apenas, em busca de elementos de informação para os seus estudos etnológicos? Não vale a pena insistir. Sarmiento teve apenas uma predilecção, mas essa dominante, absorvente, na chama da qual queimou a sua vida de investigador, e lhe ocupou tôda a fase definitiva dos seus estudos — a etnologia dos povos da Lusitânia. A sua cultura geral, vasta sem dúvida, foi unicamente complementar e subsidiária daquele estudo especializado.

Mas não deixa, todavia, de ser curioso verificar como o espírito dêste homem, que aos 40 anos era superiormente culto e erudito, e se dedicou a uma ciência positiva e austera, conservou, apesar disso, sempre vivas, certas reminiscências da feição literária e propensa ao romantismo que dominou a sua mocidade. Como muitos estudiosos, que entraram nas Letras pela Poesia e, posteriormente, em idade mais sisuda, fizeram rumo pelas vias ascéticas da Ciência — também Martins Sarmiento abriu a sua estreia sobraçando a lira poética. Assim aconteceu a José Leite de Vasconcelos e a muitos outros que um dia se dedicaram às inquietantes interrogações do passado, estudo que aliás também convida ao sonho e contém sua poesia.

(1) Alberto Sampaio, *Estudos históricos e económicos*, Porto, 1923, Vol. II, p. 123.

É dessa fase inicial da formação do espírito de Martins Sarmiento, ligada a um curioso incidente provocado pela sua aparição literária, que hoje vamos aqui ocupar-nos.

Sarmiento, como poeta, não foi notável nem inferior. Versejou, burilou rimas, e aos 22 anos publicou um volumezinho de poesias que, sendo considerado uma colectânea banal, inspirada naquele sentimentalismo doentio que, por meados do século passado, apenas cantava as estrêlas, o luar, os rouxinóis, os sepulcros, os ciprestes ou o arrebatamento das paixões fatais e dos amores infelizes — não pode todavia dizer-se um livro absolutamente destituído de qualidades estéticas, pois contém certa riqueza de expressão verbal, elevação de pensamentos, sonoridade e ritmo.

O moço intelectual era, como todo o bom portuguezinho, atâvicamente inclinado ao saudosismo e ao desalento, temperamento que nunca, pela vida fora, o abandonou por completo. Façamos uma ligeira digressão através do pouco que hoje conhecemos da sua juventude. Seu pai, Francisco Joaquim de Gouveia Morais Sarmiento, em 1822 alferes de milícias em Braga ⁽¹⁾, era oriundo da Casa da Ponte, em Britteiros ⁽²⁾. Do seu casamento com D. Joaquina Cândida de Araújo Martins houve cinco filhos — Francisco, nascido em 33, que era o único varão; Joana Carolina, que faleceu solteira; Maria do Carmo, que pelo seu casamento, em 1847, foi Viscondessa de Roriz; Luísa Augusta, casada em 1848 com um Barbosa Pizarro, senhor da Casa da Costa, em Vila do Conde; e, finalmente, Margarida Cândida, casada em 49, que foi Viscondessa de Arneirós ⁽³⁾.

Frequêntou Francisco Martins as primeiras letras em Guimarães, pois também seus pais aqui tinham

⁽¹⁾ Portaria de 16-6-1822.

⁽²⁾ O solar da Ponte está hoje na posse da Sociedade Martins Sarmiento, por benemérito legado da falecida Senhora D. Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmiento, viúva do sábio Investigador.

⁽³⁾ Vide a Árvore de Costado de Martins Sarmiento, organizada pelo falecido heraldista Dr. José Machado e publicada no Volume de *Homenagem* ao glorioso Vimarãense, em 1933.

casa, aquela onde êle nascera, que faz esquina para o Campo da Feira. Terminada a instrução primária, foi estudar latim no Colégio da Lapa, no Pôrto, concluindo seguidamente os restantes preparatórios em Coimbra. Matriculou-se depois na Universidade,



Fig. 1 — Retrato de Martins Sarmiento, na fase romântica.

formando-se em Direito ainda muitíssimo novo, pois contava então apenas 20 anos (!)!

Após a morte de seus pais, que habitualmente moravam em Briteiros, Francisco Sarmiento, herdeiro de uma abastada fortuna, livre de preocupações e encargos familiares, solteiro, à roda dos 30 anos, mandou construir em Guimarães um belo prédio no Largo

(!) Sarmiento formou-se em 10 de Julho de 1853.

do Carmo ⁽¹⁾, e aí fixou residência definitivamente, na companhia de sua irmã Joana Carolina, a única solteira, senhora de viva inteligência e que, talvez devido à convivência com seu irmão, se dedicava, com rara predilecção, à leitura e ao cultivo do espírito.

Nesse ambiente de tranqüilidade e confôrto, sem dificuldades de vida, já desvanecidas as primeiras ilusões da mocidade, se foi a pouco e pouco robustecendo a mentalidade do estudioso, que até aos 43 anos se conservou celibatário ⁽²⁾. Dêste período em diante a sua evolução mental — fase científica — é bem conhecida ⁽³⁾.

Voltemos atrás, à época áurea do romantismo, logo após a sua formatura, quando publicou o volu-

⁽¹⁾ Neste prédio faleceu Sarmiento em 9-8-1899. Por doação do seu proprietário, está hoje na posse da Sociedade Martins Sarmiento. Encontra-se ali instalada a Câmara Municipal desde 1934. (Vide *Rev. de Guimarães*, Vol. 44, p. 73).

⁽²⁾ Sarmiento casou em 5 de Fevereiro de 1876, com D. Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmiento, de quem não houve descendentes. Esta Senhora faleceu em 4 de Março de 1929. Integrada no pensamento de seu Marido, legou à Sociedade Martins Sarmiento importantes bens (Vide *Rev. de Guimarães*, Vol. 39, p. 231).

⁽³⁾ Alguns dos estudos bio-bibliográficos sobre Martins Sarmiento são :

— Notas de Pereira Caldas, no *Dicionário Bibliográfico de Inocência*. Lisboa, 1859, Vol. III, p. 6.

— Padre António Caldas, na monografia *Guimarães*, Pôrto, 1881, Vol. I, p. 228.

— José Sampaio, artigo intitulado *Os nossos Sócios Honorários. Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmiento* (Vide *Rev. de Guimarães*, Vol. I, p. 35).

— Alberto Sampaio, artigo na *Portugália*, Vol I, 1899-90, p. 417.

— Maximiano Lemos, artigo na *Enciclopédia Portuguesa Ilustrada*, Pôrto, Vol. 9, p. 805.

— Mário Cardozo, *Bibliografia Sarmentina*, Guimarães, 1927. E seus aditamentos na *Rev. de Guimarães*, Vols. 38, p. 85 e 241; 39, p. 119; e 41, p. 101.

— Idem, na *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1933.

— Mendes Correia, *No Centenário de Martins Sarmiento*. Conferência realizada na Universidade do Pôrto, em 9-3-1933 (Lisboa, 1933).

— Virgílio Correia, *No Centenário de Martins Sarmiento*, Conferência realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 9-6-933 (Coimbra, 1933).

mezinho de versos com que apareceu em público, hoje bastante raro, e a que deu o singelo título de — POESIAS. Mede 113 X 188^{mm} (vide fig. 2), tem 213 páginas, e foi

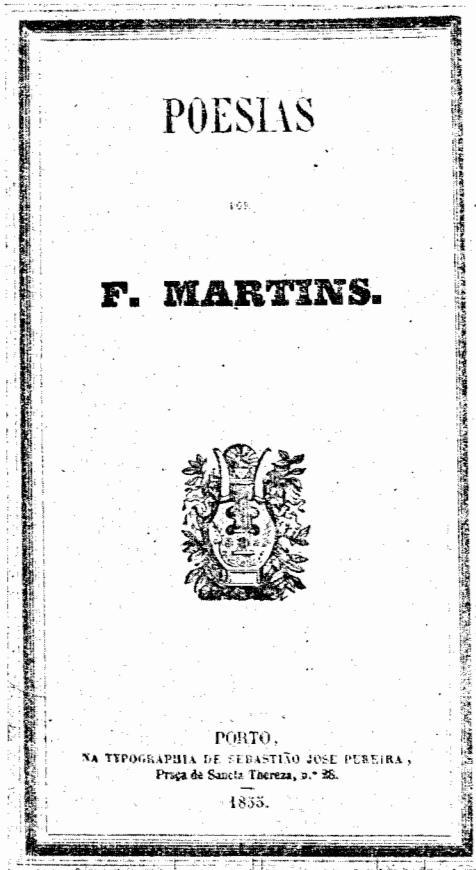


Fig. 2 — Frontispício do livro de versos de Martins Sarmento, publicado em 1855.

impresso na Tipografia de Sebastião José Pereira, da Praça de Santa Teresza, no Pôrto. Encerra 76 pequenas composições poéticas agrupadas em duas séries, designada a primeira — *Poesias várias* (37 composi-

ções), e a segunda — *Páginas d'um livro* (39 poesias). Viu a luz da publicidade por meados de 1855, contando então o jovem poeta 22 primaveras.

Anteriormente, Martins Sarmiento apenas havia colaborado com alguns versos nas gazetas «Miscelânea poética» e «O Bardo», a última das quais se publicou no Pôrto, de 1852 a 56 ⁽¹⁾. O aparecimento do inofensivo livrinho rendeu ao seu autor e estreante nas Letras um sério conflito. A êsse episódio da mocidade aludem vagamente os seus biógrafos ⁽²⁾. O caso passou-se dêste modo: pouco depois de publicado o volume, saiu à estacada um pseudo-crítico, que apesar de considerar-se amigo de Sarmiento, ridicularizava, em tom chocarreiro, o juvenil poeta e as suas Musas! Não gostou Martins Sarmiento da brincadeira e bateu-lhe em pleno Terreiro do Toural, que era então em Guimarães, como ainda hoje, o ponto de reunião preferido, centro de passeio e de conversa amena. Seguiu-se um breve torneio de comunicados agressivos, no mesmo jornalzinho provinciano que dera abrigo ao crítico, mas dentro em pouco tudo serenava e esquecia. Vale, porém, a pênna pormenorizar o incidente, porque é interessante e pitoresco.

Não são raras no nosso país as discussões literárias que desandam por fim no «argumento», ou *ultima ratio*, da pancadaria. A crítica agressiva e insultuosa, pela falta de imparcialidade e de elevação, faz naturalmente perder a serenidade aos atingidos por ela e, dentro em breve, do insulto mútuo se passa à lamentável violência do desfôrço pessoal. Camilo, apesar de ter sido nas suas apreciações críticas e polémicas jornalísticas, um dos nossos escritores mais contudentes e mordazes, sentiu por vezes a necessidade de apelar para o cacete, porque entendia que as palavras já não feriam suficientemente fundo o seu adversário. Este exemplo tem sido, infelizmente, seguido muitas vezes nos tempos actuais.

Sarmiento com os seus 22 anos de rapaz decidido e rijo, habituado à vida sãdia das caçadas pelas

(1) Vide Mário Cardozo, *Bibliografia Sarmentina* cit., p. 21.

(2) Vide artigos de Pereira Caldas e José Sampaio, citados na nota 3 de pág. 180.

ásperas colinas de Briteiros, de Santa Marta e Donim, era um minhoto desempenado e pouco disposto a aturar gracejos impertinentes. Tal como Aquilino Ribeiro nos diz do desembaraço do homem beirão, que "quando apanha o ofensor a jeito, não lhe pergunta por onde as quer" (1), também Sarmento nesse tempo se não ensaiava para aplicar dois sopapos bem dados, quando menos o seu antagonista os esperava. Passados 26 anos após êste incidente banal da sua mocidade, já homem ponderado e calmo, com absoluto domínio de si próprio, ainda dizia em carta ao Historiador Oliveira Martins: "..... sou leal e delicado (excessivamente delicado talvez). Isto não quer dizer que tenha bons fígados e que, provocado, ponha grande dificuldade em jogar o murro com qualquer agressor" (2).

Vejamos agora quem era o seu antagonista, o crítico irónico que tanto lhe desafinara os nervos. De entre os biógrafos de Martins Sarmento, apenas o Dr. Pereira Caldas, aludindo ligeiramente a êste conflito desagradável, revelou à posteridade o nome do adversário de Sarmento. Porém, tantos anos decorridos já, e desaparecidos de há muito do número dos vivos os dois contendores — qualquer melindre que pudesse haver em reconstituír a trágico-comédia e trazer à luz da cena as personagens hoje se dissipou. O adversário de Sarmento neste prélio era um rapaz quási da mesma idade, Clemente José de Melo, apenas mais novo um ano do que o poeta, e como êle vimaranense e seu contemporâneo de estudos em Coimbra. Se não eram amigos íntimos, mantinham boas relações, tratavam-se até com certa familiaridade, e Clemente freqüentava a casa de Sarmento. Era Clemente José de Melo, segundo rezam notas biográficas a seu respeito, filho ilegítimo de um fidalgo de Guimarães (3).

(1) Aquilino Ribeiro, *Maria Benigna*, romance. Lisboa, 1933, p. 28.

(2) Vide artigo *Uma polémica epistolar entre Martins Sarmento e Oliveira Martins* (*Rev. de Guimarães*, Vol. 36, p. 155).

(3) Vide Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal. Dicionário histórico, corográfico, etc.*, Lisboa, 1909, Vol. IV. Encontram-se também notas biográficas sôbre o Padre Clemente

Mandado educar, por certo à custa dêsse fidalgo e senhor seu pai, o bastardo fêz um curso muito distinto, como aluno aplicado e premiado que foi, formando-se em Teologia e tomando ordens maiores em Dezembro de 1857, com 23 anos apenas ⁽¹⁾. Depois de formado, instalou-se em Braga, na Roma portuguesa, onde criou fama de prègador exímio, e foi mais tarde abade da freguesia de Santo Tirso de Prazins. Morreu cedo, pois contava sòmente 35 anos quando partiu para a grande jornada. Colaborou em diversos jornais com artigos de história e filosofia cristãs, e, ainda como aluno do 4.º ano de Teologia, deu a lume um opusculozinho de 31 páginas, intitulado *Saint-Simon considerado como reformador religioso* (Braga, 1856), publicando dois anos depois um outro folheto sòbre *O futuro das Ordens religiosas em Portugal* ⁽²⁾. Eis o perfil intelectual do jovem teólogo.

O seu aspecto físico, pôsto que dele não havemos hoje, infelizmente, qualquer vera efígie, devia ser o de uma criatura de compleição débil. Quando avisado por Sarmiento de que, se continuasse ridicularizando-o públicamente, lhe bateria, não se conteve e voltou à liça; mas, então, esboçando já um riso amarelo e forçado, aludia ao seu pobre «fisiquito» (sic) e ao risco de lhe partirem os óculos («quebrarem as cangalhas», dizia êle) ou até de ir «descansar em algum cemitério». Dava indícios de mêdo, em suma. A par do homem fisicamente fraco, aquelas palavras revelam-nos igualmente a sua fraqueza moral. Não há, contudo, fraqueza mais atrevida do que a do impotente e do

José de Melo, no *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio (Vol. II, p. 81 e Vol. IX, p. 75), na Monografia *Guimarães*, do Padre Caldas (Vol. I, p. 222), etc.

⁽¹⁾ No volume IX do *Dicionário* do Inocêncio (p. 75) diz-se constar que o Padre Clemente não chegara a concluir o curso de Teologia, ficando simples *bacharel*, por lhe faltar a frequência e o acto de 5.º ano. De facto, na Câmara Eclesiástica de Braga, lê-se, no Livro de Matriculas de Ordenação referente ao ano de 1857, que pelo Arcebispo D. José Joaquim de Azevedo e Moura foram, nesse mesmo ano, conferidas ao *bacharel* Clemente José de Melo, filho de pais incógnitos, da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, as seguintes Ordens maiores: Subdiácono, em 10 de Maio, Diácono em 19 de Setembro e Presbítero em 19 de Dezembro.

⁽²⁾ Também impresso em Braga, em 1858.

inválido que, escudado na imunidade a que se julga com direito pela sua invalidez, arremete insolente para insultar com grosseria. Sem dúvida que a coragem nem sempre é o apanágio dos fortes: há atletas cobardes e raquíticos corajosos. Dentro de um arcaboço entroncado e robusto de Sancho Pança alberga-se por vezes o poltrão apavorado. Preciso é, portanto, que as qualidades físicas e morais se reúnam em suficiente doseamento, para um homem dar boa conta de si em qualquer emergência crítica que lhe seja forçoso resolver e dirimir à pancada. Ora, neste campo, o aprendiz de Teologia e futuro Padre Clemente José de Melo estava em manifesta inferioridade perante o seu antagonista.

O inevitável conflito teve lugar no Toural, como dissemos, e deu-se por meados de Setembro de 1855 (1). Já lá vão 88 anos! O campo do Toural era, já então, o lugar predilecto da *jeunesse dorée* da terra, e também daqueles a quem o trabalho não preocupava muito. Descrevia-o assim Vilhena Barbosa, em 1864 (2): «E' aqui, nas lojas, e no passeio de lagedo que corre junto delas, que se reúnem diàriamente os tafuis e passeantes, para matarem as horas de ócio, conversando e inquirindo novidades. E' o *Chiado de Guimarães*». Era, em suma, o coração da terra, a sua parte mais movimentada e animada. Ali se realizava, por êsse tempo, a feira semanal. Ninguém estranhava, por isso, que alguma dama de ampla saia de balão e minúscula sombrinha de rendas, botinas de duraque e touquinha de grinaldas, atravessando o Largo acompanhada de qualquer *leão* janota, de farta cabeleira romântica, sobrecasaca de baetão e colete de fantasia, calça de bôca larga unida à bota com presilhas, e chapéu alto, afunilado, à *Robinson* — por ali encontrasse os suínos da vizinhança fossando livremente, ou bando de galinhas a esgaravatar na lamice encharcada à roda do chafariz que se erguia do lado sul, fronteiro à igreja de S. Se-

(1) Não é possível fixar hoje o dia certo em que se deu o conflito, por falta de elementos.

(2) Vide *Archivo Pittoresco*, Lisboa, 1864, Vol. 7, p. 92, 218 e 337.

bastião e ao cruzeiro chamado do Fiado ⁽¹⁾. Do lado nascente, a frontaria das casas de arquitectura uniforme, servidas por seu largo passeio junto às lojas de comércio, dava a esta praça certa imponência monumental; do lado oposto, uma ampla calçada de tôscas e mal ajustadas lajes pavimentava o outro extremo do terreiro (vide fig. 3).

Era no passeio de cima, o dos estabelecimentos comerciais, que os passeantes «faziam avenida». Foi

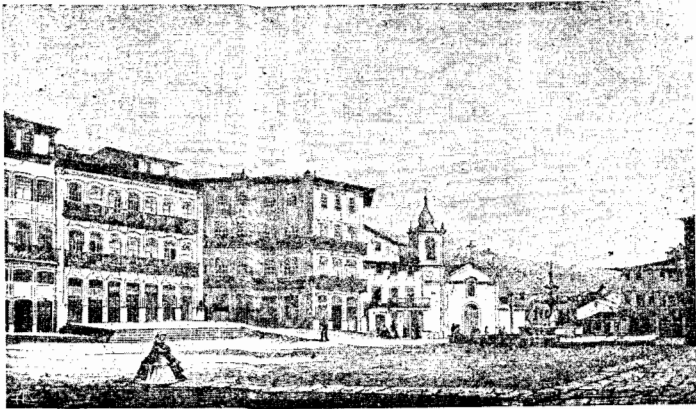


Fig. 3 — O Terreiro do Total, em Guimarães, nos meados do século passado.

(Gravura extraída do "Archivo Pittoresco", Lisboa, 1864. Vol. 7, p. 217).

ali, possivelmente, que o festejado terceiranista da Universidade, ao passar despreocupado, com seu ar doutoral, severa fatiota preta e algum livro de Teologia debaixo do braço, levou os inesperados e rijos sopapos de Sarmento, e lhe voaram os óculos, ficando a tactear no vácuo, a vista turva, os braços levantados procurando defender a cara das bofetadas

(1) Igreja e cruz há muito demolidas. O nome de Cruzeiro do *Fiado* provinha de junto dêle se vender, nos dias da feira semanal, o linho fiado, em meadas.

que estalavam sonoras, e gritando afluivamente «ai Jesus! ai Jesus!»

Clemente José de Melo, pedante e vaidoso como era na sua estulta basófia de crítico das Letras, devia ficar profundamente vexado com o castigo. Pôsto que não pudesse vangloriar-se daquela «paternidade ostensiva», a que, em estilo empolado, se refere o Dr. Pereira Caldas ao dar-nos os traços biográficos do futuro presbítero ⁽¹⁾, êle, embora bastardo, sentia-se também de sangue fidalgo, com categoria igual à do jovem Sarmento ⁽²⁾. Essas pretensões megalómanas denunciavam-se até ao assinar os artiguelhos com que mordía o seu conterrâneo, escondendo-se atrás do pseudónimo aristocrático de *Barão* de Cuzelhas ⁽³⁾, muito embora o fizesse irònicamente.

Eis esboçado o escandaloso quão fútil conflito do Toural, entre os dois jovens intelectuais, cujo comentário alegre constituíu certamente durante alguns dias, no pequeno meio vimaranense, o assunto predilecto de conversas e o motivo de inofensivos gracejos. E' ocasião de transcrevermos os artigos que antecederam a lamentável cena e lhe deram causa, e os que foram publicados após o violento desfôrço de Martins Sarmento.

Escolhera Clemente José de Melo para baluarte de onde iria desferir os seus raios fulminantes contra a estreia de Sarmento o jornalzinho de Valença intitulado *A RAZÃO* ⁽⁴⁾. Por esta época não se publicava

⁽¹⁾ Vide *Diccionario* do Inocênciao cit., Vol. II, p. 81.

⁽²⁾ A Carta de Brasão de Martins Sarmento é de 4-12-1854. Foi-lhe conferida aos 21 anos, pelo Regente D. Fernando. Apesar de possuir Brasão, nunca mandou colocar pedras de Armas na frontaria das suas casas. A Carta, em pergaminho iluminado, está hoje no Arquivo da Sociedade Martins Sarmento.

⁽³⁾ Êste pseudónimo andaria possivelmente ligado, por quem o usava, a quaisquer factos ou reminiscências da vida académica coimbrã, pois na freguesia de S. Paulo de Frades, para os lados de Celas, existe um lugar de *Cuzelhas*.

⁽⁴⁾ Êste periódico de Valença iniciou a sua vida em 17-11-1854, e começou a publicar-se às tẽrças e sextas-feiras, até ao n.º 13; do n.º 14 (que saiu em 2-1-1855) por diante, aparecia às tẽrças, quintas e sábados, o que era deveras notável para a época e meio em que se publicava. Foi seu redactor principal o magistrado Dr. João José de Oliveira Gomes.

periódico algum em Guimarães (1). O primeiro artigo escarpelizando as *Poesias* de F. Martins saíu no princípio de Setembro de 55; porém, dois meses antes, a crítica *anónima* (na qual se revelava já, em mal disfarçada ironia, o estilo de Clemente) tinha dado, na mesma gazeta (2), benévola notícia do volumezinho, por certo na pueril intenção de melhor afastar suspeitas quando, posteriormente, a premeditada chacota viesse a lume. Sem qualquer epígrafe, o jornal inseria estas banalidades:

«Saudamos o jovem poeta Vimaranense, o ex.^{mo} sr. F. Martins, cujo talento nos veio revelar o seu livro — POESIAS —, que acaba de ser publicado.

Se foram *ilusões perdidas* que deram ao autor a Harpa e o Estro, bendizemos essa cruel *criatura* que nos restituiu o génio que se embrenhara em mentidos sonhos e desaperecebido perpassava.

Temos íntima convicção de que a manifestação da opinião pública há-de lisonjear o poeta; assim confiamos que em breve dará a lume a continuação das PÁGINAS DE UM LIVRO, como nos promete nas suas mimosas *Poesias*» (3).

(1) Vide Alberto Braga, *O quinquagésimo aniversário da Revista de Guimarães e a vida das publicações periódicas vimaranenses* (Rev. de Guimarães, Vol. 50, p. 36). Os primeiros números dos jornais intitulados *A tesoura de Guimarães* e *O Vimaranense* são, respectivamente, de Setembro e de Novembro de 1856.

(2) Na 3.^a página do n.º 91, de 7 de Julho de 1855.

(3) Em todas as transcrições preferimos empregar, para simplificação e uniformidade, a ortografia actual. As cópias dos artigos agora transcritos foram-nos amavelmente fornecidas pelo Ex.^{mo} Sr. Guilherme Guerra, do Pôrto, por obsequioso intermédio do Ex.^{mo} Sr. Alberto Meira, ilustre Conservador do Museu Nacional de Soares dos Reis. Aqui lhes tributamos o nosso agradecimento.

Estas últimas palavras de fingido incitamento eram a réplica à ingénua *Declaração* com que o moço poeta encerrava o seu livrinho, a página 209:

«O autor destas poesias julgou dever seu declarar que espera pela manifestação da opinião pública para se decidir a publicar a continuação das «Páginas d'um livro». Crê, porém, que esta manifestação não será muito favorável, e que as duas últimas partes do seu livro ficarão na gaveta. Veremos».

Parece que o autor já presentia a tempestade que se avizinhava. De facto, ela não tardou. Eis o primeiro artigo de Clemente, mascarado sob o pseudónimo de *Barão de Cuzelhas*, em Carta dirigida a um certo *Barão da Gabiarra*, publicada em 1 de Setembro, na 1.^a e 2.^a páginas do n.º 115 do jornal, num roda-pé incluindo outros assuntos:

**«Carta do Barão de Cuzelhas
ao Ex.^{mo} Barão da Gabiarra**

.....

E' célebre! todos os poetas são ordinariamente infelizes e devorados por ardentes paixões excitadas pela sua ardente imaginação; quási todos amam a solidão, quási todos gostam de sítios melancólicos favoráveis às suas inspirações; o nosso poeta vimaranense, e nosso simpático amigo F. Martins, realiza tudo isto à letra nas suas poesias, que temos lido com atenção; aqui encontram-se muitas declarações amorosas, muitos desalentos, muitas desesperanças e grande número de visões; aqui aparecem muitas poesias feitas em cemitérios, de modo que o autor pode rigorosamente chamar-se o poeta das visões e dos cemitérios,

Em geral não somos admiradores das poesias do Martins; são tentativas poéticas dum mancebo ardente; são quasi tôdas secundárias; as que, porém, reputamos de merecimento superior são — O assassino, Guimarães, e talvez a poesia No deserto, onde se encontram bons pensamentos filosóficos, e O doudo (1), onde há bastante naturalidade, e por fim O Meslier (2).

Pedimos perdão da nossa franqueza ao poeta vimaranense; estamos porém bem convencidos que lhe merecemos mais estima emitindo com nobre liberdade e consciência a nossa opinião do que lisongeando-o, repetindo sempre e sem consciência o *pulchre, bene, recte* de Horácio; e esta convicção é fundada no óptimo conceito que fazemos da intelligência do nosso amigo.

Estou sempre pronto a dar a cada um o que é seu; sempre abracei por íntima convicção a teoria do «suum cuique» (3).

Martins Sarmiento, apesar de, no final do seu livrinho, ter, como vimos, convidado a crítica a manifestar-se, e já de antemão não contar que ela lhe fôsse *muito favorável*, não gostou daquela *franqueza* do amigo Clemente, que, como todos os que jogam a pedrada e escondem a mão, «dava uma no cravo, outra na ferradura». Descobrimo logo, pela prosa, quem era o disfarçado crítico, não esteve com cerimónias: enviou immediatamente ao pseudo *Barão* Clemente José de Melo um «aviso amigável», convidando-o a penitenciar-se publicamente!

Custou ao Clemente acatar êste ultimátum. Remoheu no caso durante perto de duas semanas, dei-

(1) O título que se encontra no volume é *A um doudo*, e não *O doudo*.

(2) O título que se encontra no volume é *Depois de lêr Meslier*.

(3) Êste roda-pé vem datado de 23 de Julho.

xando passar em silêncio quatro números do periódico; mas, por fim, julgou prudente fazer a vontade ao ofendido, e lá veio a lume com novo rodapé, no N.º 120, de 13 de Setembro, que insere o reclamado acto de contrição. Redobrou, porém, no ar trocista, e com tanta infelicidade o fez que, em lugar de afastar o perigo que sôbre a sua cabeça pairava, ainda mais o atraíu! Divagava assim o crítico d-A RAZÃO, na secção literária a que aludimos, em artigo subordinado ao mesmo título do precedente:

«Meu Gabiarra: O «poeta de visões e de cemitérios» ia-me ficando bem caro, porque estive em risco de me quebrarem as cangalhas, e então só poderia escrever em papel de côres, como fazia o mestre Fr. Luís. Fui ameaçado mui sèriamente pelo poeta, e se não retiro a tôda a pressa aquelas palavrinhas, talvez fôsse descansar em algum cemitério! E então eu é que ficava sendo poeta de cemitérios; tínhamos um verdadeiro *qui pro quo*.

Isto, meu Gabiarra, não é nenhuma visão, é uma realidade; tenho nas minhas mãos, nestas mãos que a terra há-de comer, a própria carta autógrafa do poeta, cuja conclusão tremenda diz assim «e se não satisfizer as minhas justas exigências, terá de passar por uma sensaboria, que o corrigirá para sempre». Para sempre! é verdade; quando me lembro disto, até tenho convulsões nervosas.

À vista pois dêste *aviso amigável*, vou recolher o meu espírito, o meu excelêntíssimo espírito! e vou retratar-me; não há remédio, porque o poeta é rico e por conseguinte pode esfarrapar um ombro à vontade, porque a senhora justiça da época é como a carne de vaca, vende-se a pêso de dinheiro!! Se acaso se fizesse justiça, a humanidade seria feliz e a sociedade um

paraíso; êste pensamento não é só meu, já o proclamara um distinto escritor.

Eu, apesar de estar pobre por causa das revoluções do globo, podia-me atirar ao melro, mas sempre me vou agarrando ao mais seguro, porque lá diz o ditado — mais vale um pássaro na mão, que dois a voar; e, de mais, eu sou muito amigo cá do *fisiquito*, como diz a minha criada velha. Aí vai portanto a retratação, ela aí vai, atenção:

Retratação

«Eu, B. de Cuzelhas, declaro à face do céu e da terra, que nunca fôra minha intenção ofender o sr. F. Martins, quando na minha carta de 23 de Julho, transcrita no N.º 115 da *Razão*, fiz uma ligeira crítica às suas poesias: isto mesmo se deduz claramente do contexto; mas como as palavras «poeta de visões e de cemitérios», que ali se acham estampadas, possam ser mal interpretadas, hei por bem retirá-las inteiramente e dar o dito por não dito».

Sáfu boa e creio que há-de destruír todo o efeito que tiverem produzido aquelas palavras. E' êste o *desiderátum*».

.....

No mesmo número do jornal, na 1.ª coluna da 2.ª página, lia-se ainda esta

Declaração

«O Barão de Cuzelhas declara que nunca fôra da sua intenção ofender o Sr. F. Martins, quando, na sua carta de 23 de Julho, publicada no N.º 115 da *Razão*, fêz uma ligeira crítica às

suas poesias; isto mesmo se depreende do contexto; mas como as palavras «poeta de visões e cemitérios», que ali se acham estampadas, possam ser mal interpretadas, o Barão de Cuzelhas há por bem retirá-las e dar o dito por não dito, e para evitar desgostos que a sua pênna lhe possa acarretar, retira-se da arena.

Barão de Cuzelhas».

Publicou-se isto em 13 de Setembro. Com data de 20, mandava o *Barão* (nessa altura já desmascarado publicamente em Clemente José de Melo) um comunicado para *A Razão*, que foi publicado no N.º 125 de 27, no qual, iracundo e recalcitrante, voltava à carga, protestando com insolência e arreganho, aos quatro quadrantes do universo, contra a agressão de bofetadas de que tinha sido vítima em pleno Toural! Levou-as, portanto, no período decorrido entre 14 e 19 de Setembro daquele ano da graça de 55, não podendo precisar-se hoje, como dissemos, o dia certo. Eis a prosa clementina:

Comunicado

«Um facto da maior transcendência para a imprensa periódica, praticado nesta cidade, chama as nossas atenções, e por isso eu vou apresentá-lo no tribunal da opinião pública, para que êste o julgue devidamente e o castigue com severidade.

O sr. Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmento insultou publicamente e em pleno dia, no passeio público do Toural, o barão de Cuzelhas, *injuriando-o* sem atender às leis da civilidade e às leis vigentes, e desconhecendo os direitos de personalidade e de liberdade de que goza todo o ente racional segundo os prin-

cípios mais vulgares do direito natural. E que-reis saber porquê? atendei.

O B. de Cuzelhas escrevera uma carta, transcrita no N.º 115 da *Razão*, na qual fizera uma ligeira crítica às poesias do sr. F. Martins; êste senhor, ofendido no seu louco orgulho, julgou conveniente recorrer à fôrça bruta para se desafrontar, e deu o passo que acabo de narrar. Para que o público ilustrado avalie o facto, aí vai a crítica do B. de Cuzelhas, por extenso: (1)

.....

Julgava o sr. F. Martins que fazia emudecer o B. de Cuzelhas com bofetadas? Pois enganou-se completamente, e, longe de o fazer tremer, estimulou-o espantosamente; e agora o B. de Cuzelhas arranca de todo a máscara, levanta a viseira, e aparece na imprensa de rosto descoberto para atar o sr. F. Martins ao pelourinho da estupidez, e expô-lo à irrisão pública, como merece. O B. de Cuzelhas sou eu, sim eu, que hei-de fazer passar o Sr. F. Martins por sensaborias, de que talvez não há-de gostar e que o hão-de fazer arrepender do que fêz; sensaborias honrosas para mim, mas terríveis para s. s.^a. Tenho a justiça da minha parte, tenho também a imprensa portuguesa, que aceita de bom grado a minha justa como nobre desafronta, porque o insulto que se me fêz, é feito também à imprensa periódica, porque fôra ela que o motivara.

Srs. RR. dos periódicos nacionais, peço-vos, suplico-vos mesmo, que deis tôda a publicidade

(1) Segue-se a transcrição da crítica, desde as palavras — *É célebre* (p. 189, linha 21) até à palavra *Horácio* (p. 190, linha 14). Na transcrição, o autor omitiu, porém, a expressão — *e nosso simpático amigo*, que se lê na referida pág. 189, linha 27.

a êste communicado (!), porque a causa é também vossa; e, para que semelhantes factos se não reproduzam, é mister que o estigma de tôda a imprensa caia sôbre os que ousaram praticá-los; é mister um exemplo terrível.

Onde está a liberdade de imprensa? Onde está a liberdade de opinião? Os productos da intelligência devem acaso de vingar-se pela fôrça bruta?! E não é isto uma vingança vergonhosa? Não será isto devassar o santuário da opinião e do pensamento?!

O sr. F. Martins queria talvez que eu reputasse de primeira ordem umas poesias, onde nem sequer reflecte o génio poético, onde não há nem belezas, nem metrificacão, nem harmonia; onde há uma ausência quasi completa de bons pensamentos; umas poesias enfim, cheias de visões e de cemitérios; umas poesias tais que, se o leitor se esquece do título, julga que está lendo prosa!

Sr. F. Martins, que vergonha para s. s.^a o praticar uma tal acção, que depõe muito contra a sua capacidade, e que vergonha para nós o contarmos como irmão um homem dêstes!! Se o sr. Martins não queria expôr-se à crítica, para que saíu a lume com as suas poesias? Porventura não ficaram elas pertencendo ao domínio público no momento em que viram a luz pública? E, se o sr. F. Martins queria

(!) Depreende-se dêste período que Clemente José de Melo enviara o artigo para diversos jornais do país. E assim foi, de facto. Não tivemos, porém, oportunidade de investigar em que periódicos saiu, por falta de tempo para essa trabalhosa rebusca. Apenas, por obsequiosa indagação do publicista e professor Sr. António Dória, feita na Biblioteca bracarense, tivemos conhecimento de que o artigo do Padre Clemente foi também publicado no N.º 168, de 24 de Setembro de 55, do periódico de Braga — *Pharol do Minho*.

defender-se, porque o não fêz pela imprensa?
e, se não sabia, porque se não calou?

O seu procedimento para comigo, sr. F. Martins, dá muita fôrça ao meu juízo; é uma confirmação tácita, mas expressiva, da minha opinião. Termino aqui as minhas reflexões e fico aguardando o procedimento do sr. F. Martins.

Clemente José de Melo.

Guimarães, 20 de Setembro de 1855.»

Na 4.^a página dêste mesmo número do jornal veio também a lume, com data de 19, o seguinte Comunicado de Martins Sarmento:

«Sr. Redactor: Instam comigo para que eu tire pela imprensa desfôrço de alguns chascos grosseiros, que se me têm dirigido no seu jornal.

O desfôrço já o tirei, porque esbofetei publicamente o tal escrevinhador de folhetins, depois de o ter prevenido duas vezes.

E' possível, porém, que o pobre teólogo queira desabafar as suas iras. Para o deixar mais livre faço a declaração seguinte:

«Declaro eu, Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento, que me não torno a agastar, nem a levantar a mão contra o pobre Clemente José de Melo, ou Barão de Cuzelhas, por mais sandices que êle vomite contra mim; porque Clemente José de Melo é um tal original de parvoíce e sem vergonha, que seria capaz de prolongar ao infinito êste duelo singular.»

F. Martins de Gouveia Morais Sarmento.

Guimarães, 19.»

Com esta declaração de Sarmiento, pondo, por seu lado, ponto final à discussão, caíu o pano, sem mais conseqüências, sôbre o grotesco incidente. Serenados os ânimos, é de crer que, por sua vez, Clemente José de Melo achasse mais elegante pôr de parte os inexoráveis planos de vingança que o animavam, e não continuasse a incitar os seus colegas no jornalismo a exercerem o «exemplo terrível» que, em seguida aos sopapos que apanhara, tanto reclamava para o seu antagonista. E' até para registar êste facto curioso: na Biblioteca legada por Martins Sarmiento à Instituição herdeira do seu nome ilustre e da sua Obra científica, existe o pequeno opúsculo do P.^o Clemente sôbre o *Saint-simonismo*, publicado em 1856, isto é, logo no ano imediato ao conflito, e portanto poucos meses após. Apesar disso ostenta esta dedicatória lançada na capa, pelo punho do autor: *Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. Francisco Martins de Moraes Sarmiento, off. C. J. de Mello!* Por sinal que o livrinho está repleto de anotações e chamadas a lápis, da mão de Sarmiento, entre as quais esta, logo na margem da primeira página: «Louis Reybaud — Les Réformateurs contemporains» (1), querendo talvez o anotador chamar a atenção para os numerosos plágios à obra de Reybaud, por êle encontrados no folhêto.

Por aqui se vê que o *ex-Barão de Cuzelhas* não conservara por muito tempo sentimentos de ódio contra o seu agressor. Por outro lado, Sarmiento, após o conflito, tratou de retirar do mercado todos os exemplares do seu livro que pôde haver à mão (2), e se bem que Pereira Caldas escrevesse no Dicionário do Inocência que Sarmiento procedera à recolha do volume em conseqüência do incidente (3), os motivos

(1) Conferir Louis Reybaud, *Études sur les réformateurs ou socialistes modernes*, 1840-43, 2 vols.

(2) Vide artigo de José Sampaio cit. na nota 3 de pág. 180 (*Rev. de Guimarães*, I, 37). O volumezinho de versos vendia-se ao preço de 400 réis, conforme se lê em dois anúncios publicados nos N.^{os} 91 e 124 de *A Razão*, de 7 de Julho e 25 de Setembro de 1855.

(3) Vide notas de Pereira Caldas no *Dicionário* de Inocência (Vol. III, 6).

dessa atitude foram muito outros, segundo afirmava o autor, apesar de não revelar quais tivessem sido.

Contudo, Martins Sarmiento acabou por concordar com o insignificante valor dos seus versos, e tanto assim que, daí por diante, não mais quis nada com as Musas! E aqui está como a acrimónia nefasta de um crítico demasiado severo pôde mudar por completo o rumo intelectual a um esperançoso cultor das Letras, que em lugar de censuras condenatórias mais necessária de conselhos que o estimulassem. Por um feliz acaso, todos ganhamos com que Sarmiento depusesse a lira e empunhasse mais tarde a picareta do explorador de cidades mortas!

*

1878. Vinte e três anos haviam passado sobre êste conflito literário. Contava então Martins Sarmiento 45. Com o início das escavações na Citânia de Briteiros, novas e definitivas directrizes ia seguir o seu espírito. Não se lhe havia, porém, varrido ainda da memória aquele incidente desagradável da sua despreocupada e já distante mocidade. E' singularmente interessante a referência que ainda lhe faz, numa carta repleta de bom humor, dessa encantadora naturalidade que distingue a correspondência epistolar de Martins Sarmiento, dirigida naquele ano de 78 a Joaquim de Araújo, ainda então um jovem escritor, que mais tarde, Consul de Portugal em Génova, tanto havia de notabilizar-se como poeta, historiador e crítico de Arte. Pedira Joaquim de Araújo a Martins Sarmiento um retrato seu e umas notas biográficas para saírem n-A RENASCENÇA, que iniciava a sua publicação (1). Eis a curiosa resposta de Sarmiento, precioso inédito com que vamos encerrar estas notas:

(1) Joaquim de Araújo, nascido em Penafiel em 22-7-1858. Faleceu em 11-5-1917. Fundou as revistas literárias *Harpa*, que durou de 1873 a 76, e, em 1878, *A Renascença*. Foi Cônsul de Portugal em Génova desde 1894. Poeta, prosador, historiador e crítico literário, deixou numerosos trabalhos de mérito.

«Guimarães
10, 3, 78

Ex.^{mo} Snr.

.....(1).....

Quanto à outra parte da sua carta, e modestia à parte, deixe-me dizer-lhe com franqueza que não tenho biografia que possa encher duas linhas e que valha a pena de encher uma.

O Pereira Caldas já no Dicionário do Inocência disse duas cousas a meu respeito (2), que só serviram para me irritar—e eis porque: Quando tinha 22 anos publiquei um livro de versos, pouco mais ou menos abomináveis. Ofereci alguns exemplares a alguns amigos e entre estes a um sujeito que freqüentava a minha casa e que eu tratava com certa familiaridade. O maganão encapotou-se num pseudónimo e disse do livro umas coisas chocarreiras. Mandei-lhe dizer que podia fazer as críticas literárias que lhe parecesse; mas que se, em vez de crítica, fizesse *larachas*, as orelhas podiam-lhe periclitár. O homem *retratou-se* do que tinha dito, declarando ao mesmo tempo que o fazia porque *eu era rico*, etc. Fui-lhe às orelhas. E aí entra o meu amigo a espalhar proclamações a todos os jornais do país, clamando que eu tinha ofendido a liberdade de imprensa na sua

(1) O assunto da primeira parte desta carta não interessa ao presente artigo, e por isso se não transcreveu. Esta carta e mais 5, de Martins Sarmento para Joaquim de Araújo, dos anos de 1878 e 79, foram adquiridas pelo falecido Coronel Tibúrcio de Vasconcelos para a Sociedade Martins Sarmento, no leilão da livraria de Joaquim de Araújo, efectuado no Pôrto, em Março de 1933.

(2) Vide *Dicionário de Inocência* cit., Vol. III, p. 6.

peessoa, etc., etc. Todos os jornais publicaram a palhada, comentando a minha ferocidade. Um dêles comparava-me ao assassino do redactor do Setubalense, e não faltou quem pensasse que eu era um parvo vaidoso que matava gente porque me criticavam dois versos; ninguém quis ver que, dando dois piparotes num patife que se dizia meu amigo e me jogava gracejos de mau gôsto por trás da esquina, fazia uma obra de caridade — porque, franquissimamente, a crítica, embora azêda, nunca me pôde incomodar, sendo justa.

Causas completamente estranhas a êste episódio obrigaram-me a retirar o livro da circulação do mercado. O Caldas interpretou a coisa como consequência da pendência com o meu pseudo-crítico (hoje falecido) e assim o escreveu. Foi isto que me irritou na notícia do Dicionário, porque é falso e eu não queria (nem valia a pêne), explicar as verdadeiras causas.

Há que anos isto vai!

De então para cá não quis nada com o mundo da imprensa, e, se algum pequeno artigo tenho publicado, é coisa que se conta pelos dedos, e sempre obrigado (1).

Já vê V. Ex.^a que não há biografia possível para o meu retrato e, se V. Ex.^a quisesse fazer-me a vontade, nem dava uma coisa nem outra. A minha única qualidade boa é ser honrado. Como leitor, tenho sido *flaneur* que passo o tempo a ler de... tudo, e nunca escolhi uma

(1) Não foi rigorosamente assim. A partir dessa fase romântica, que terminou em 1860, publicou Martins Sarmiento diversos artigos de polémica e estudos sociológicos até 1875 (Vide *Bibliografia Sarmentina* cit., p. 21 e ss.).

especialidade, simplesmente porque nunca mirei a conquistar a celebridade pela pênna, mas somente no meu bairro pelo amor da justiça e da verdade.

Se a Citânia me fêz conhecido um pouco (!), juro aos deuses que não foi para servir o meu país e a história dos celtiberos que comecei a fossar naquelas ruínas; foi simplesmente por não ter que fazer. Disse não sei quem que fui o iniciador das conferências arqueológicas em Portugal (?). O título realmente é aparatoso; porém a verdade é que nunca tive intenção de iniciar coisa nenhuma. Lembraram-me para reunir na Citânia alguns entendedores, e caí na asneira de anuír, principalmente porque contava esclarecer-me em matérias de que nada sabia, e pelas quais as escavações me iam fazendo interessar. Mas a minha idéia era fazer uma pequena romaria de curiosos sem cerimónia, de sorte que pudéssemos ver as antigualhas em mangas de camisa. As coisas correram de outro modo e quasi diplomáticamente; mas é claro que a culpa não foi minha.

Aqui está o iniciador das conferências arqueo-

(!) As escavações na Citânia de Briteiros começaram em 1875 e terminaram em 1884. No Castro de Sabroso foram de 1876 a 1880.

(?) Em 9 de Junho de 1877 visitaram as escavações da Citânia, a convite de Martins Sarmiento, diversos investigadores, entre os quais o Marquês de Sousa Holstein, Possidónio da Silva, Luciano Cordeiro, Filipe Simões, Augusto Soromenho, Teixeira de Aragão, Nery Delgado, Simão Rodrigues Ferreira, etc. Uma Conferência arqueológica teve lugar em casa de Martins Sarmiento, no dia immediato à visita da Citânia, e foi, de facto, esta a primeira conferência versando assuntos de arqueologia que se realizou em Portugal. Contribuiu, sem dúvida, para estimular o progresso dos estudos arqueológicos no nosso País, e, pela expansão das notícias publicadas por aqueles estudiosos, serviu para chamar a atenção sobre a importância dos trabalhos já então realizados por Martins Sarmiento na Citânia de Briteiros.

lógicas de Portugal e Ilhas! Estou no caso do Jourdain de Molière, a fazer prosa sem o saber.

Em suma, ainda que quisesse, não podia dar-lhe materiais nenhuns para uma biografia, mesmo que ela se publicasse em Liliput.

Disponha pois V. Ex.^a do meu pouco préstimo para outras coisas, porque neste ponto já vê que nada tenho a fazer.

De V. Ex.^a

at.^o ven.^{or} e obrig.^o

F. Martins Sarmiento."

Desta carta, através de cujo texto transparece ainda um pouco do temperamento melancólico e desiludido do poeta e arrebatado moço de há 23 anos atrás, poder-se-ia inferir que Martins Sarmiento não mais se dedicaria às Letras, até o fim da sua vida! Puro engano. Foi precisamente nesta época que êle entrou na fase definitiva dos seus estudos, e, já então possuidor de uma vasta cultura científica, literária e filosófica, começou a embrenhar-se no labirinto das investigações prè-históricas e no enigma empolgante da etnologia dos Lusitanos. As humildes ruínas da Citânia constituíram a centelha que deu origem a essa labareda em que êle havia de consumir os últimos vinte anos da sua vida, e durante os quais escreveu febrilmente as suas obras fundamentais, os seus numerosos artigos científicos, e finalmente os quatro milhares de páginas manuscritas que nos legou e que, 44 anos decorridos após a sua morte, esperam ainda publicação!

Os homens dependem incomparavelmente menos das determinações e do raciocínio próprios, do que dos imperativos misteriosos e dos desígnios imponderáveis, em que Deus revela a sua mão, e a que nós costumamos chamar, agnòsticamente, caprichos do destino! Talvez fôsse por isso que Martins Sarmiento mandou esculpir no tecto da vasta sala onde instalara a sua preciosa biblioteca erudita esta palavra, do

idioma clássico da Hélade, que encerra um mundo de pensamentos: 'A N Á T K H (1) — destino funesto, fatalidade, *fatum*!

Foi na verdade a ânsia absorvente do saber, a *fatalidade* do seu amor pela Ciência, à qual Camilo, em comentário irónico para Sarmento, chamou um dia «escura e triste coisa» (2), que fizeram do glorioso Vimaranense o asceta debruçado sobre os seus livros, e do homem despreocupado e rijo, curtido nas caçadas e digressões pela montanha, êsse velho gasto e decrepito que, morrendo aos 66 anos, aparentava, na face enrugada e cansada pelas vigílias do estudo, ter vivido mais de oitenta invernos!

Guimarães, Agosto de 1943.

MÁRIO CARDOZO.

(1) Infelizmente, cometeu-se a irreflexão de demolir parte do estuque do tecto daquela sala, durante as obras ali realizadas pela Câmara Municipal de Guimarães, que presentemente se encontra instalada (como se disse na nota 1 de pág. 180) nesse prédio onde viveu, trabalhou e morreu Martins Sarmento. E assim desapareceu o interessante letreiro que Sarmento ali fizera colocar.

(2) Camilo Castelo Branco, *No Bom Jesus do Monte*, Pôrto, 4.^a ed., p. 139.